



GT 45. Etnografias da natureza: repensando dualidades

Coordenador(es):

Glúcia Oliveira da Silva (PPGMA UERJ)

Bernardo Lewgoy (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Caetano Kayuna Sordi Barbará Dias (IPHAN)

Sessão 2

Debatedor/a: Annelise Caetano Fraga Fernandez (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

A postura relativizadora que acompanhou o desenvolvimento da Antropologia como disciplina vem ganhando novos contornos com a crítica ao antropocentrismo e ao determinismo cultural. Com esse GT, pretendemos discutir textos teóricos ou etnográficos que instrumentalizem a compreensão sobre práticas humanas de modo a questionar a existência de um grande divisor e todas as outras fraturas dele decorrentes. Nessas últimas incluímos, a título de exemplo, as dicotomias presentes em contextos de colaboração, predação ou activity produtiva, estabelecidas por grupos humanos com outros seres vivos; são algumas delas: selvagem/domesticado/animais de companhia, caçador/caça, pescador/pescado, agricultor/culturas, etc. Outras oposições, tais como espécies nativas/ espécies exóticas, saber científico/saber popular/tradicional, podem ser acionadas quando espécies se tornam alvo de preservação ou de extermínio. Nas práticas científicas podem surgir ainda as distinções entre sujeito/objeto, pesquisador/cobaia, homem/máquina, artificial/natural, moderno/tradicional e seus desdobramentos. O GT pretende assim reunir trabalhos que convidem a pensar em novas possibilidades de descrever, analisar e interpretar esses e outros contextos, que vão deixando de ser exclusivamente sociais, como queria a antiga Antropologia, pressupondo a dissolução das fronteiras entre natureza e sociedade/cultura, na prática etnográfica.

O humano entre visagens e bichos visagentos: a concepção simbólica de natureza em uma comunidade amazônica

Autoria: Vinícius Barriga dos Santos (UNIFAP - Universidade Federal do Amapá)

O presente pôster almeja caracterizar a concepção de Natureza e suas implicações na vida cotidiana da comunidade do Rio Mararu localizada em Gurupá ? PA, a partir de uma análise de narrativas da população local, coletadas in loco com o auxílio de um gravador em 2019, que versam sobre conflitos de moradores com os ?caruanas?, categoria nativa que descreve uma entidade invisível passível a manifestar-se concretamente como animal (boto, guariba, cobra grande etc.), plantas/árvores ou locais (rios e matas), inserindo-se no sistema de crenças da Pajelança ?Cabocla?, conjuntos de práticas xamanísticas que envolvem representações cosmológicas acerca da natureza e do humano (GALVÃO, 1995; MAUÉS, 2005). As narrativas selecionadas apresentam padrões de metamorfose animal-humano-animal e humano-animal-humano, processo este onipresente no mundo altamente transformacional proposto pelas culturas amazônicas (VIVEIROS DE CASTRO, 2017), as estórias são povoadas de seres que mesclam inextricavelmente atributos humanos e não-humanos formando um campo intersubjetivo humano-natureza, a partir do qual pode-se entrever as concepções simbólicas basilares que definem a relação homem/natureza e homem/animal para a comunidade. Com o auxílio metodológico da observação participante, desvelamos algumas das implicações das supramencionadas concepções simbólicas, presente nas narrativas, na própria dinâmica sociológica



subjacente ao cotidiano de Mararu, principalmente no que tange a caça/pesca. Em suma, as narrativas não exprimem somente um antagonismo entre o homem e forças extraordinárias, mas exprime o fato de que os ?caruanas? (conhecidos também como ?visagens?) dominam diversos setores da natureza na medida em que são considerados entidades protetoras que guardam a natureza contra a depredação antropogênica. Destarte, povoando as matas e rios de intencionalidades e deslocando o humano do seu pretense privilégio metafísico ocidentalista, as narrativas exortam uma ontologia amazônica da natureza que orienta modos de ser e estar no mundo indissociáveis de uma relação de reciprocidade com o ambiente e o Outro não-humano.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: